



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/05/2014 a 15/05/2014

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Prof. Ms. Emerson Juliano Lucca<sup>2</sup>**  
**Guilherme Gadonski de Lima<sup>3</sup>**  
**Jussiano Regis Pacheco<sup>4</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Professor, Economista, Mestre em Desenvolvimento, Analista e responsável técnico pelo Laboratório de Economia Aplicada e CEEMA vinculado ao DACEC/UNIJUI.

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET-Economia.

<sup>4</sup> Economista, Tec. Administrativo da Agência de Inovação e Tecnologia - Unijuí, Funcionário do Laboratório de Economia Aplicada e aluno de Especialização em Finanças e Mercado de Capitais da-UNIJUI

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

Produto Data	GRÃO DE SOJA (US\$/bushel)	FARELO DE SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO DE SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/05/2014	15,01	497,50	40,98	7,14	5,05
12/05/2014	14,83	489,50	40,78	7,05	4,97
13/05/2014	15,02	497,70	41,00	7,00	5,03
14/05/2014	14,96	497,90	41,19	6,81	4,94
15/05/2014	14,70	481,40	41,04	6,78	4,84
<b>Média</b>	<b>14,90</b>	<b>492,80</b>	<b>41,00</b>	<b>6,96</b>	<b>4,97</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

### Médias semanais\* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	68,20	0,89
RS - Santa Rosa	67,30	0,75
RS - Ijuí	68,05	0,74
PR - Cascavel	67,35	0,67
MT - Rondonópolis	60,80	1,16
MS - Ponta Porá	62,60	0,48
GO - Rio Verde (CIF)	63,65	-0,31
BA - Barreiras (CIF)	61,95	0,32
MILHO		
Argentina (FOB)**	227,40	-1,04
Paraguai (FOB)**	153,10	-3,65
Paraguai (CIF)**	183,50	-5,41
RS - Erechim	28,20	-3,42
SC - Chapecó	28,25	-2,08
PR - Cascavel	24,30	-2,80
PR - Maringá	25,40	-3,05
MT - Rondonópolis	19,70	-4,83
MS - Dourados	23,50	-2,29
SP - Mogiana	27,25	-0,91
SP - Campinas (CIF)	29,03	-2,75
GO - Goiânia	24,65	-1,20
MG - Uberlândia	26,95	-1,10
TRIGO		
RS - Carazinho	714,00	-0,14
RS - Santa Rosa	704,00	-0,14
PR - Maringá	880,00	-0,11
PR - Cascavel	875,00	-0,11

\*Período entre 09/05 e 15/05/14

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

### Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 15/05/2014

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	25,30	62,35	35,35

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

### Preços de outros produtos no RS

### Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	35,10
Feijão (saco 60 Kg)	129,00
Sorgo (saco 60 Kg)	20,43
Suíno tipo carne (Kg vivo)	2,93
Leite (litro) cota- consumo (valor bruto)	0,89
Boi gordo (Kg vivo)*	4,11

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago oscilaram um pouco nesta semana em função do relatório de oferta e demanda divulgado na última sexta-feira (09/05). O mês de maio/14 deixou de ser cotado neste dia 15/05, passando o mês de julho a ser a referência como primeiro mês cotado em Chicago. Desta maneira, o fechamento desta quinta-feira (15) ficou em US\$ 14,70/bushel.

Apesar de o relatório ser francamente baixista para a safra futura, o aperto nos estoques finais dos EUA neste ano 2013/14 manteve as primeiras posições elevadas. Nesse sentido, o relatório reviu para baixo tais estoques, fixando-os agora em 3,54 milhões de toneladas. Fora isso, os números do relatório, relativos a safra nova, são muito baixistas. A área foi confirmada em crescimento de 6,5%, a produção final nos EUA, a ser colhida em setembro/outubro poderá alcançar 98,9 milhões de toneladas, contra 89,5 milhões no último ano, e os estoques finais para 2014/15 se elevam para 9 milhões de toneladas. Nesse sentido, o USDA anunciou um patamar de preços médios aos produtores estadunidenses de soja, para 2014/15, entre US\$ 9,75 e US\$ 11,75/bushel. Isso representa entre menos três a cinco dólares por bushel em relação ao preço praticado neste mês de maio junto ao primeiro mês cotado.

Nessa linha, a Goldman Sachs divulgou relatório na semana apontando para um recuo de 29% nos preços em Chicago para os próximos seis meses. Isso significa que o bushel de soja, em novembro, cairia para US\$ 10,55/bushel em termos médios. Obviamente, isso tudo se o clima nos EUA permitir uma safra normal naquele país.

Em termos mundiais, o relatório do dia 09/05 ainda apontou uma produção global de 299,8 milhões de toneladas em 2014/15, com estoques finais mundiais subindo para 82,2 milhões de toneladas (22,7% acima do registrado em 2013/14 pela estimativa existente). O Brasil produzirá 91,0 milhões de toneladas na próxima safra, enquanto a Argentina ficaria em 54 milhões. As importações chinesas podem alcançar 72 milhões de toneladas.

Nesse último caso, o mercado ainda vive com o sentimento de redução de compras por parte da China, além de devolução de cargas. Todavia, duas informações aliviam a tensão do mercado sobre esse tema: 1) a China importou em abril 6,5 milhões de toneladas de soja, contra 4,6 milhões em março passado e 4,0 milhões em abril de 2013, acumulando no atual ano comercial um total de 22 milhões de toneladas importadas, ou seja, 41% sobre o ano anterior no mesmo período; 2) o maior grupo importador de soja chinês, o Shandong Sunrise, afirmou que não dará calote nos contratos de compra, mesmo enfrentando grandes perdas. O mesmo responde por 12% das compras externas de soja por parte da China. Em abril o país asiático teria dado calote em 500.000 toneladas de soja, havendo informações que outras 1,2 milhão de toneladas poderiam sofrer o mesmo destino. Estamos diante de uma questão que ainda gerar muita influência no mercado da soja.

Paralelamente, as inspeções de exportação, por parte dos EUA, atingiram a 239.955 toneladas na semana encerrada em 08/05. No acumulado do ano comercial, iniciado em 1º de setembro/13, o volume soma 41,7 milhões de toneladas, contra 34,2 milhões no mesmo período do ano anterior.

Por outro lado, o plantio da nova safra estadunidense avançou bem na semana passada, chegando a 20% da área no dia 11/05. A média histórica é de 21% o que significa que a semeadura recuperou o atraso inicial.

A partir de agora, o mercado irá se definir principalmente ao sabor do clima nos EUA. Quanto mais nos aproximarmos do final do plantio e, posteriormente, da colheita, em não havendo frustrações de safra nos EUA, os preços em Chicago tendem a recuar. Sobretudo se junto a isso se confirmar igualmente um aumento na área plantada da América do Sul no final deste ano de 2014.

Por enquanto, na América do Sul, a colheita da última safra finaliza, com o Brasil fechando ao redor de 87 milhões de toneladas de soja. Já na Argentina, 65% da área estaria colhida e a previsão de volume está ficando entre 54 e 55 milhões de toneladas. Nota-se que há uma melhora neste volume estimado, já que o mesmo chegou a ser indicado, dois meses atrás, em até 53 milhões de toneladas.

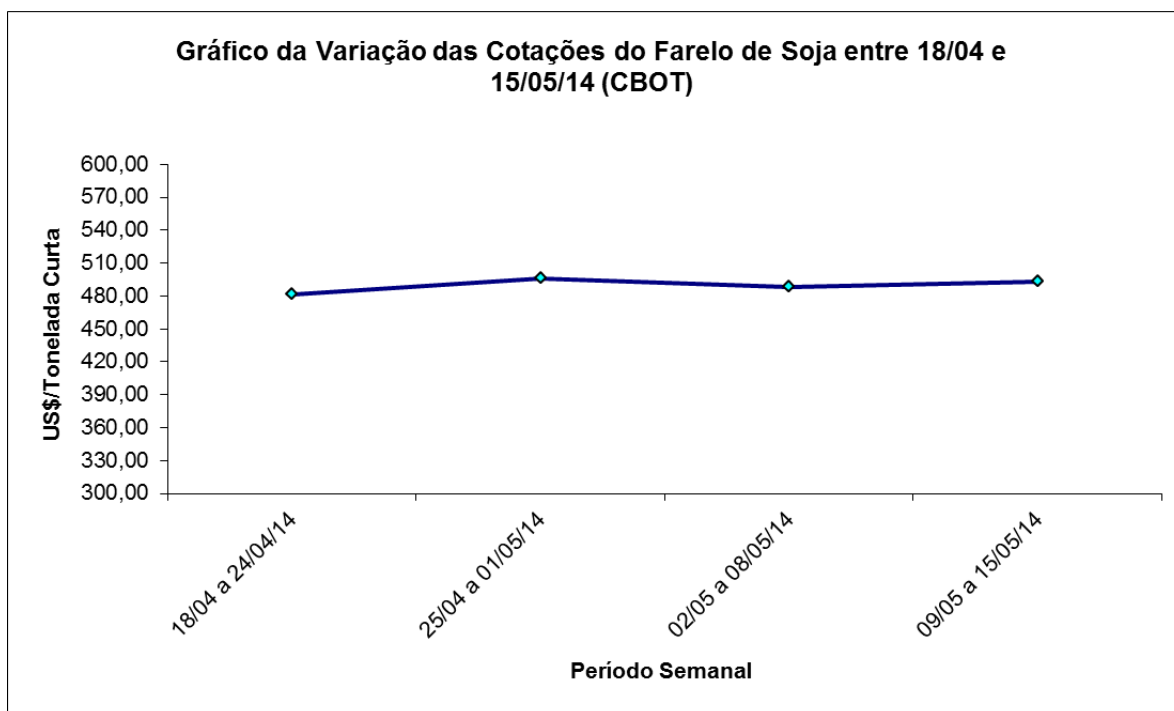
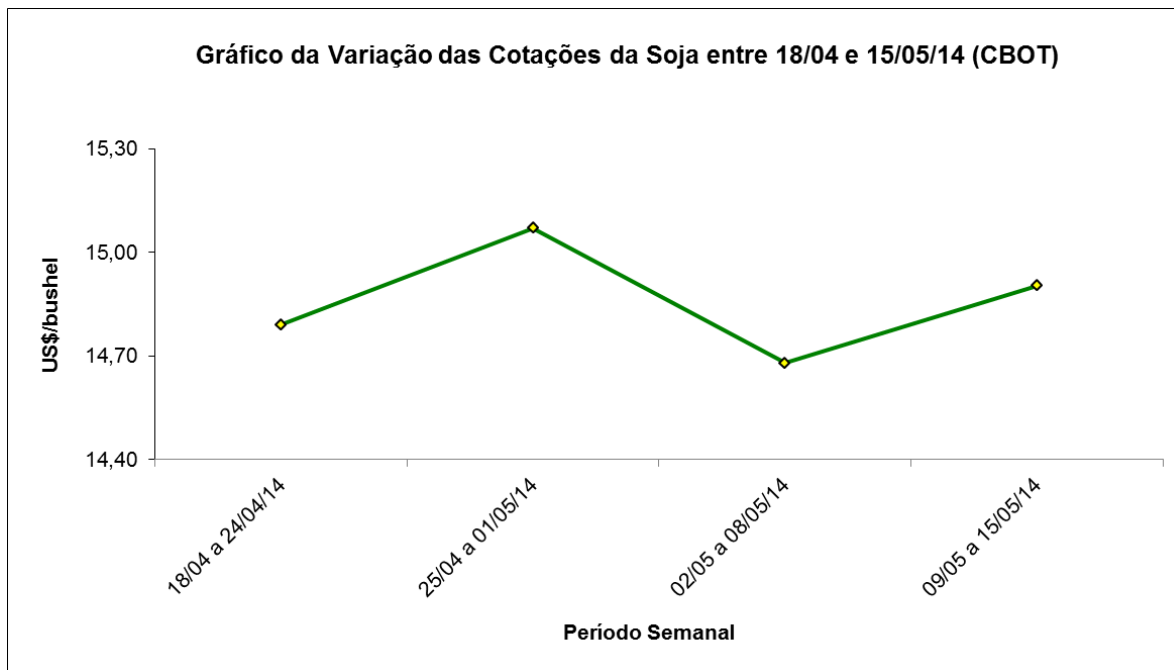
Pelo lado comprador, temos ainda que a China comprou 13,4 milhões de toneladas de soja em grão do Brasil, entre janeiro e abril. Todavia, parte desta soja foi deslocada para os EUA e países africanos, pois o país asiático está abarrotado de soja no momento. Em relação ao primeiro quadrimestre do ano passado, a China comprou 51% mais de soja no Brasil. Como o total embarcado pelo Brasil, em soja, chegou a 17,3 milhões de toneladas entre janeiro e abril de 2014, a China teria sido o destino de 77,6% desta soja. Confirma-se assim a forte dependência da soja brasileira para com o mercado chinês.

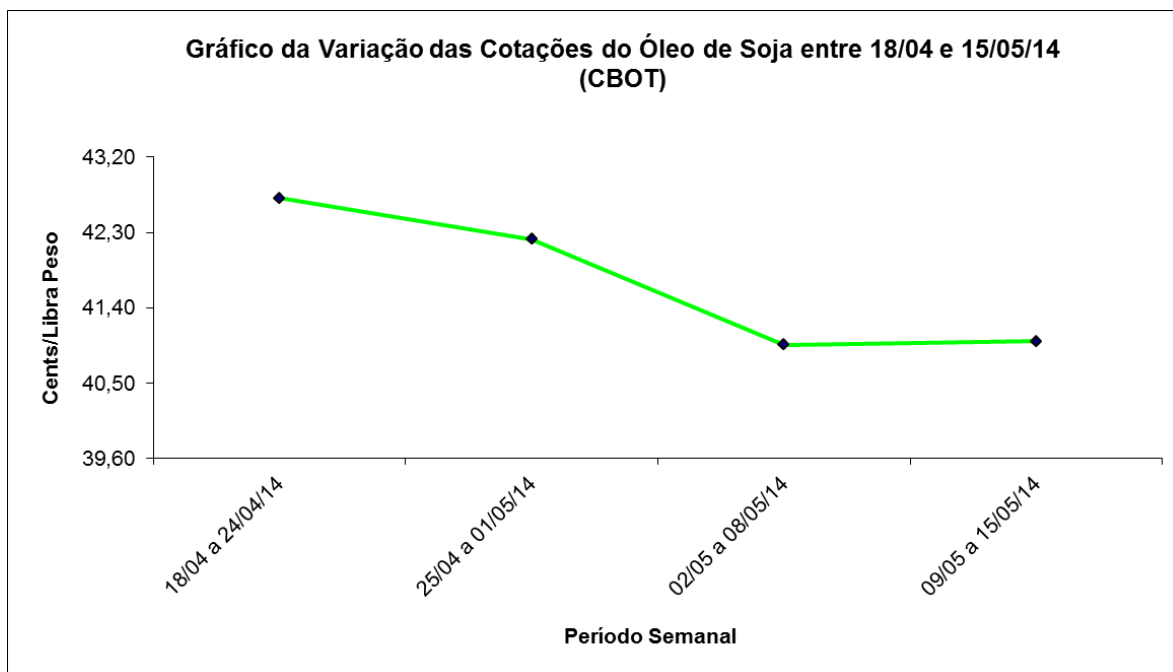
Enfim, o prêmio nos portos brasileiros melhorou um pouco, com o mês de maio ficando entre 5 centavos de dólar por bushel, positivos, e menos 27 centavos de dólar. Em Rosário (Argentina) os prêmios ficaram entre menos 40 e menos 55 centavos de dólar, enquanto no Golfo do México (EUA), os mesmos registraram valores positivos entre 70 e 80 centavos de dólar por bushel.

No mercado brasileiro, com a colheita praticamente encerrada, os preços se estabilizaram, ajudados igualmente por um câmbio que estacionou ao redor de R\$ 2,20 por dólar. Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 62,35/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 67,00 e R\$ 68,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 56,50/saco em Sapezal (MT) e R\$ 68,00/saco no norte do Paraná. A futura safra foi cotada a US\$ 21,00/saco para fevereiro/15, na região de Rondonópolis (MT). Ao câmbio de hoje isso representa R\$ 46,20/saco. Em Goiás (Rio Verde) tivemos o mesmo valor para fevereiro do próximo ano, diante de um preço atual, no disponível, de R\$ 62,00/saco. Isso demonstra o tamanho do recuo nos preços da oleaginosa que poderá haver na próxima safra, em se confirmando a queda em Chicago sem haver uma maior desvalorização do Real no período.

Nesse sentido, a título de exercício, diante um preço médio em Chicago de US\$ 10,55/bushel para março/abril de 2015, o preço médio do saco de soja ao produtor gaúcho, no balcão, ficaria entre R\$ 40,00 e R\$ 44,00/saco em permanecendo o câmbio atual. Isso significa um recuo entre 18 e 22 reais por saco em relação aos atuais preços.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 18/04 a 15/05/2014.





## MERCADO DO MILHO

Assim como a soja, o bushel de milho igualmente cedeu em Chicago nesta quinta-feira (15), fechando o pregão em US\$ 4,84. Tal realidade se deve ao relatório do USDA do dia 09/05 e a melhoria do clima nos EUA, que propicia um avanço importante no plantio da nova safra do cereal naquele país.

Quanto ao relatório de oferta e demanda, mesmo confirmando uma redução de área semeada ao redor de 3,9% nos EUA, a produção final de milho ficou projetada em 354,1 milhões de toneladas naquele país. Ou seja, muito próxima do volume colhido no ano passado. Com isso, os estoques finais estadunidenses de milho, em 2014/15, poderão ficar até superiores aos deste atual ano, chegando a 43,8 milhões de toneladas. Desta forma, o preço médio aos produtores estadunidenses, para 2014/15, está agora projetado entre US\$ 3,85 e US\$ 4,55/bushel, ou seja, abaixo dos atuais valores praticados em Chicago.

Em termos mundiais, o relatório apontou uma produção global de 979,1 milhões de toneladas. A mesma praticamente repete o volume deste último ano. Os estoques finais mundiais de milho somariam 181,7 milhões de toneladas, após 168,4 milhões em 2013/14. A produção brasileira do cereal ficou projetada em 74 milhões de toneladas, com exportações de 20 milhões, enquanto na Argentina a produção será de 26 milhões de toneladas.

Afora isso, o mercado sentiu o fraco embarque semanal por parte dos EUA, com o mesmo ficando em 161.000 toneladas na semana anterior. As chuvas, que entraram em um ciclo normal, estariam propiciando um rápido plantio do milho nos EUA. Nesse sentido, até o dia 11/05, a semeadura do cereal atingia a 59% da área esperada, ficando até um pouco superior à média histórica para o período que é de 58%.

Paralelamente, uma situação que pode atingir a soja vem do norte do Cinturão do Milho estadunidense, onde as chuvas são mais constantes, com baixas temperaturas, podendo provocar uma desistência parcial no plantio do milho. Isso pode levar a um aumento na área de soja. Aliás, já haveria comentários no mercado que a área da oleaginosa possa ser maior do que a projetada pelo USDA. (cf. Safras & Mercado)

Aqui na América do Sul, a tonelada FOB na Argentina e no Paraguai fechou a semana em US\$ 225,00 e US\$ 147,50 respectivamente.

Por sua vez, no mercado brasileiro os preços continuaram cedendo em algumas praças, enquanto em outras estacionou. Sem um fator novo no mercado, como quebra na safrinha, não parece haver espaço para novas altas no preço do milho. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 25,30/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 26,50 e R\$ 27,00/saco. Nas demais praças do país os lotes ficaram entre R\$ 16,50/saco em Sapezal (MT) e R\$ 28,00/saco nas regiões catarinenses de Videira e Concórdia.

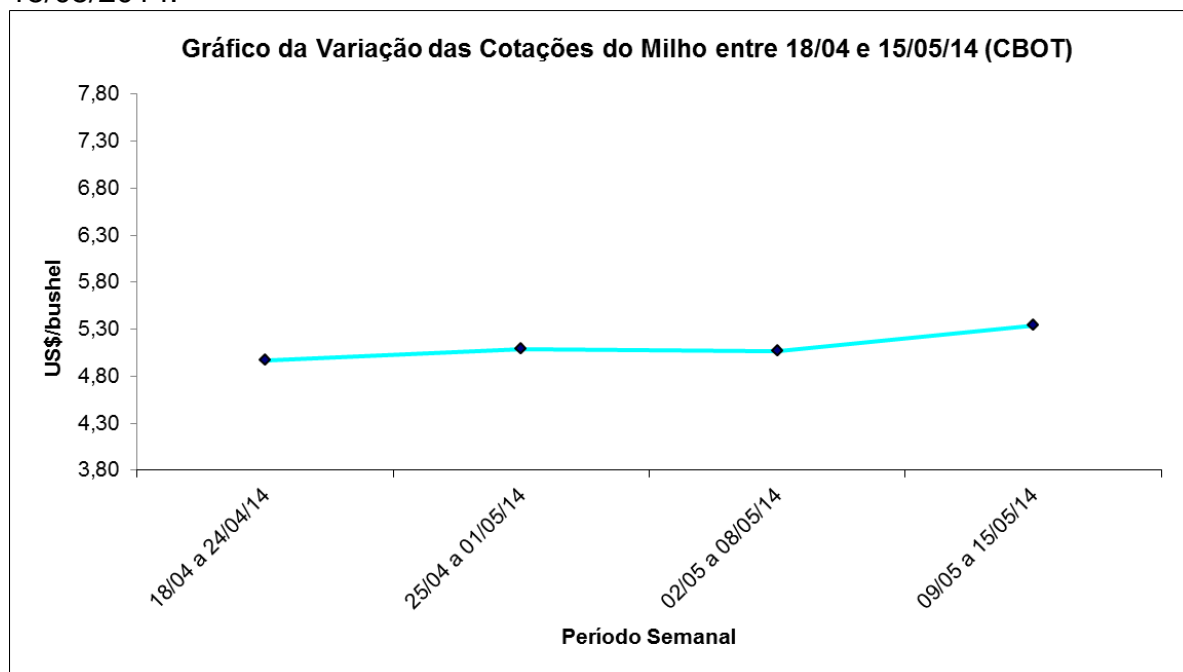
Um balizador importante para os preços internos do milho tem sido a BM&F. Ora, esse mercado fechou a semana em baixa importante, sob influência de uma futura safrinha boa. Além disso, novas chuvas no Mato Grosso e o câmbio não alimentam, por enquanto, novas perspectivas de altas no preço nacional do milho. Para piorar a pressão baixista no centro do país, vendas de milho safrinha do Centro-Oeste, para julho/agosto, começam a aumentar no mercado paulista. (cf. Safras & Mercado)

Paralelamente, os embarques de milho brasileiro, nos primeiros 10 dias de maio, como o esperado, ficaram em apenas 34.500 toneladas.

Desta forma, os preços na safrinha, permaneceram entre R\$ 14,50 e R\$ 15,00/saco no Nortão do Mato Grosso, com leve tendência de baixa. No sul do Mato Grosso do Sul, safrinha indicada entre R\$ 18,00 e R\$ 19,00/saco. Em Goiás, os valores da safrinha recuaram para R\$ 18,50 e R\$ 19,00/saco para entrega em julho e agosto.

Enfim, a importação no CIF indústrias brasileiras registrou, para maio, o valor de R\$ 37,77/saco para o produto dos EUA e R\$ 36,98 para o produto argentino. Já para junho, o produto argentino ficou em R\$ 38,31/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá, atingiu os seguintes valores no fechamento da semana: R\$ 27,96/saco para maio; R\$ 27,99 para junho; R\$ 27,98 para julho; R\$ 27,78 para agosto; R\$ 28,05 para setembro; R\$ 28,19 para outubro; R\$ 28,57/saco para novembro e dezembro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 18/04 a 15/05/2014.



## MERCADO DO TRIGO

O bushel de trigo fechou a semana em baixa, cotado a US\$ 6,78 nesta quinta-feira (15). O relatório do USDA, do dia 09/05, apesar de trazer informações altistas, já estava relativamente precificado pelo mercado.

Assim, a informação de que a produção de trigo dos EUA ficará em 53,4 milhões de toneladas, após 57 milhões no ano anterior, não chegou a causar repercussão. Diante de tal produção, os estoques finais dos EUA, para 2014/15, deverão atingir a 14,7 milhões de toneladas no novo ano comercial, não se distanciando muito do resultado esperado para 2013/14. Nesse contexto, o USDA estima que o preço médio ao produto de trigo dos EUA fique entre US\$ 6,65 e US\$ 7,95/bushel em 2014/15. Aliás, os atuais preços do trigo estão exatamente neste patamar. Quanto ao mercado mundial, o relatório indicou uma produção total de 697 milhões de toneladas ou 17 milhões a menos do que o número final esperado para 2013/14. Entretanto, os estoques finais mundiais serão um pouco maiores, ficando em 187,4 milhões de toneladas. A produção brasileira está projetada em 6 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina chegaria a 12,5 milhões de toneladas. O Brasil importaria 6,5 milhões de toneladas de trigo em 2014/15.

Dito isso, durante a semana anunciou-se que as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA, no ano comercial 2013/14 iniciado em 1º de junho de 2013, somaram 324.462 toneladas na semana encerrada em 1º de maio. Houve um aumento de 49% sobre a semana anterior e de 26% sobre a média das últimas quatro semanas. O Brasil foi o principal comprador naquela semana com 76.500 toneladas. Até o início de maio, portanto, os EUA forneceram 3,75 milhões de toneladas de trigo ao Brasil, havendo compromissos assumidos para fechar um total de 4,03 milhões de toneladas.



Quanto às inspeções de exportação de trigo, na semana encerrada em 08/05 o volume atingiu a 623.157 toneladas, com o Brasil ficando com 115.994 toneladas. No acumulado do ano comercial iniciado em 1º de junho de 2013, o volume inspecionado chega a 29,6 milhões de toneladas, contra 25,7 milhões em igual período do ano anterior.

Vale destacar igualmente que a Goldman Sachs, em relatório divulgado nesta semana, indica uma redução de 18% no preço do bushel de trigo em Chicago para os próximos seis meses. Para o milho a redução seria de 20% no mesmo período. Tudo isso em função de uma recomposição de estoques estadunidenses e mundiais, mesmo com safra menor no caso do trigo.

No Mercosul, os preços da tonelada FOB para exportação, nos diferentes portos argentinos, permaneceram estáveis. Em Necochea, para embarque em junho e julho, o valor ficou em US\$ 350,00 na venda. Já no Up River a compra registrou US\$ 360,00/tonelada, enquanto em Baia Blanca tivemos US\$ 370,00. Tomando esse último valor como referência, o trigo argentino chegaria posto nos moinhos paulistas a R\$ 1.028,00/tonelada, pelo câmbio de hoje. Para chegar a esse mesmo patamar, o trigo do Paraná poderia ser negociado por até R\$ 919,00/tonelada FOB. Já o produto gaúcho ficaria em torno de R\$ 817,00/tonelada.

Ora, no final desta semana os lotes no interior do Paraná ficaram entre R\$ 850,00 e R\$ 860,00/tonelada (R\$ 51,00 e R\$ 51,60/saco), enquanto no Rio Grande do Sul tivemos valores entre R\$ 680,00 e R\$ 690,00/tonelada (R\$ 40,80 e R\$ 41,40/saco).

O que se percebe é que a elevação dos preços do trigo na semana anterior, junto ao mercado externo, não provocou grandes altas no mercado interno brasileiro. Mesmo assim, o balcão gaúcho fechou esta semana em R\$ 35,35/saco. Agora, com o recuo nos preços internacionais, mesmo que passageiros, parece difícil o cereal aumentar de preço. Particularmente porque o plantio da nova safra avança bem, a área irá aumentar e, se o clima deixar, poderá haver um recorde de produção no Brasil a partir de setembro. Soma-se a isso o fato dos principais moinhos nacionais estarem abastecidos, não havendo grande pressão de compra, exceção feita no Paraná devido a quebra na última safra.

Nesse sentido, mesmo que metade da produção gaúcha de 3,2 milhões de toneladas tenha sido de trigo de qualidade mais baixa, não atendendo as necessidades da indústria panificadora nacional, a compra do produto gaúcho se realiza pelo Paraná para a realização de mistura.

Por outro lado, as importações nacionais de trigo continuam firmes. Em abril o Brasil comprou no exterior um total de 487.992 toneladas. No acumulado entre agosto/13 e abril/14 o volume importado pelo país chega a 5,2 milhões de toneladas, com os EUA respondendo por 3,3 milhões de toneladas, a Argentina por 731.526 toneladas, o Uruguai por 687.291 toneladas, o Canadá por 335.171 toneladas, o Paraguai por 131.943 toneladas e outras origens pelas restantes 35 toneladas. No ano anterior o volume importado no período chegou a 5,3 milhões de toneladas, porém, a Argentina contribuiu com 4,1 milhões e os EUA com tão somente 63.422 toneladas. A projeção de importação total brasileira em trigo, para 2013/14, é de 6,4 milhões de toneladas. Estaria faltando ainda, portanto, um pouco mais de 1,2 milhão de toneladas a serem

compradas no exterior até julho/14, quando fecha o atual ano comercial do trigo brasileiro.

Enfim, a semana terminou com o mercado nacional do trigo em ritmo lento e sob o “choque” dos números de custo de produção da nova safra, divulgados pela Fecoagro. Segundo esta Federação gaúcha, considerando uma produtividade média de 45 sacos/hectare, ao preço de hoje (que tende a não se manter), daria um resultado negativo de 23,3%. O aumento do custo total, em relação a safra anterior, será de 13,4%, sendo que o custo variável sobe 18,2%. Nestas condições, e pela tendência do mercado no momento, a produção de trigo resultará em prejuízo direto importante ao produtor gaúcho em particular. Não será de descartar que os preços fiquem bem abaixo do preço mínimo de R\$ 33,45/saco, recentemente definido pelo governo para o trigo pão tipo 1.

Para piorar o quadro, o governo ainda decidirá se isentará da TEC do Mercosul (10%) a importação de trigo de fora do bloco. Uma reunião prevista para o dia 22/05 deverá definir esse assunto. Ou seja, não está descartada a possibilidade de se importar trigo ainda mais barato nos próximos meses. As indústrias e o governo estariam trabalhando forte pela isenção, contrariando o setor produtivo.

Enfim, o plantio da nova safra de trigo no Paraná, segundo o Deral, chegou a 46% da área esperada, que é de 1,27 milhão de hectares para este ano. O aumento de área seria então de 27% sobre o ano anterior. A projeção de produção paranaense continua sendo de 3,8 milhões de toneladas a serem colhidas a partir de setembro próximo.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 18/04 a 15/05/2014.

